

VIOLÊNCIA E HEDONISMO DESCARADO: UMA LEITURA DE “FELIZ ANO NOVO”, DE RUBEM FONSECA

*VIOLENCE AND SHAMELESS HEDONISM: A READING OF “FELIZ ANO NOVO”,
BY RUBEM FONSECA*

Gilvan Santos Gonçalves¹

RESUMO: “*Feliz Ano Novo*” é um conto do escritor brasileiro Rubem Fonseca que aborda de forma crua e realista a violência e o esgarçamento das relações sociais no Brasil contemporâneo. O enredo retrata a história de um grupo de jovens que, entediados e desiludidos, decidem cometer uma série de crimes hediondos durante as festas de final de ano, na cidade do Rio de Janeiro. A partir das discussões sobre essa temática contemporânea, o presente artigo aborda a questão da violência em meio ao tráfico de drogas, o consumismo desenfreado e a perda dos valores morais em meio a prática de um hedonismo descarado. É nesse contexto conturbado que a narrativa ganha corpo ao assumir poder de crítica e de narrativa pós-moderna.

Palavras-chave: *Feliz Ano Novo*. Violência. Hedonismo.

ABSTRACT: “*Feliz Ano Novo*” is a short story by Brazilian writer Rubem Fonseca that deals in a raw and realistic way with violence and the fraying of social relations in contemporary Brazil. The plot tells the story of a group of young people who, bored and disillusioned, decide to commit a series of heinous crimes during the end of year festivities in the city of Rio de Janeiro. Based on discussions on this contemporary theme, this article addresses the issue of violence amid drug trafficking, rampant consumerism and the loss of moral values amid the practice of shameless hedonism. It is in this troubled context that the narrative takes shape by assuming the power of criticism and post-modern narrative.

Keywords: *Feliz Ano Novo*. Violence. Hedonism.

1. INTRODUÇÃO

“Vi na televisão que as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no réveillon. Vi também que as casas de artigos finos para comer e beber tinham vendido todo o estoque”.

Pereba, vou ter que esperar o dia raiar e apanhar cachaça, galinha morta e farofa dos macumbeiros.

Pereba saiu e foi mijar na escada. (Fonseca, 2012, p. 8).

¹ Mestre em Letras, área de concentração em Teoria Literária, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) - (2022). Graduado em Letras - Português/Espanhol, pela Universidade Estadual do Maranhão (2019).

É a partir da visão de uma sociedade consumista que o romancista e contista mineiro Rubem Fonseca expõe a realidade contrastante entre a classe marginalizada, pobre, e a burguesia, abastada e indiferente ao que acontece na periferia de uma grande cidade. O conto fonssequiano se entrelaça pela visão de um personagem que assiste pela TV os preparativos para a chegada do Ano Novo, a propaganda de roupas novas que serão compradas pelas “madames granfas” e imagina como será a festa dos ricos: bailes, joias, vestidos novos e muita comida. O personagem-narrador e seus amigos do crime decidem invadir uma casa de ricos que estão dando uma festa e ali cometem todo tipo de agressão, incluindo a execução final. “É inegável que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira, como elemento fundante a partir do qual se organiza a própria ordem social” (Pellegrini, 2004, p. 16).

Dentro da narrativa, a linguagem adotada pelos personagens é crua e, muitas vezes, ofensiva. Suas ações são sem escrúpulos desde o início. Como na cena em que o terceiro personagem, Zequinha, chega na residência e se depara com o Pereba se masturbando no meio da sala. Ao ser interrogado do porquê estava fazendo isto naquele local, Pereba respondeu que o banheiro estava muito fedido. A estética de Rubem Fonseca, sem abrandamentos, com uma dicção rápida, por vezes grotesca, cômica e pervertida, na qual o narrador se vale de elementos da oralidade, procura evidenciar uma realidade marginal sem heroísmos ou redenção. (Schøllhammer, 2011, p. 23).

Nesse contexto, a violência não é narrada apenas como um ato físico, mas também como uma expressão de decadência moral e existencial de nossos tempos. A brutalidade dos crimes cometidos pelos jovens revela a banalização da violência e a falta de valores éticos que permeiam a sociedade em que vivem. Ao longo do conto, o autor mergulha no psicológico dos personagens, explorando suas motivações, angústias e relações interpessoais conturbadas. A violência é apresentada como um reflexo das contradições e vazios existenciais dos protagonistas, que buscam escapar do tédio e da alienação por meio da transgressão em meio as ruínas de nossa sociedade contemporânea.

A escolha do conto *Feliz Ano Novo* (1975) e a construção desta análise caracteriza-se pela maneira como Rubem Fonseca apresenta a violência de forma realista, o que resulta em um relato brutal de situações cotidianas assustadoras: roubos, assassinatos, estupros e mortes. O contista consegue captar a violência que impera nas ruas do país, principalmente no Rio de Janeiro, mitigando situações grotescas, que muitas vezes são ignoradas pela sociedade civil organizada que, em tese, deveria solucionar tais situações.

Assim, no primeiro capítulo deste artigo, mostra-se o tema central, que é o discurso sobre a gratuidade da violência no Brasil contemporâneo. No segundo capítulo, evidencia-se como essa violência é narrada de forma cruel ou como uma crítica à sociedade que se forma no individualismo. Por fim, na conclusão, evidencia-se que a escrita de Rubem Fonseca é crítica e reflexiva ao evidenciar de maneira pulverizada a animalização dos indivíduos, em meio a uma sociedade mesquinha e altamente consumista.

2. O ESTEREÓTIPO DO CRIME E A GRATUIDADE DA VIOLÊNCIA

O início do conto, que foi liberado em 1985, após a censura sofrida na Ditadura Militar², centra-se numa apresentação sucinta dos personagens e da situação na qual eles vivem: pobreza extrema associada à função de agentes do crime. O narrador e protagonista, que durante todo o conto não é nomeado, vive em um conjunto habitacional de péssima qualidade, não tem nem mesmo água em seu apartamento e idealiza como jantar de ano novo os restos dos despachos da macumba: “Pereba, vou ter que esperar o dia raiar e apanhar cachaça, galinha morta e farofa dos macumbeiros” (Fonseca, 2012, p. 8). Ele e seu amigo, Pereba (que representa, mais do que tudo, um estereótipo de criminoso, com instintos violentos e um ódio crescente pela divisão de classes), discutem sobre a situação em que estão: apáticos diante da fome e da pobreza enquanto as “madames granfas” e seus maridos se deleitam em suas joias e outros artigos de luxo, se preparando para iniciar o ano novo com todo estilo, e eles ali, preparando-se para comer os “restos de Iemanjá”.

Diante do exposto, depreende-se que, a violência no Brasil se apresenta nos mais variados cenários, mas, certamente, a violência urbana e sua ligação com o tráfico de drogas é algo que chama a atenção, principalmente quando o foco se volta para as populações periféricas, que são marginalizadas pelo Estado.

Karl Erik Schøllhammer (2013) destaca que os meios de comunicação de massa são um terreno fértil de fascinação e ambiguidade em que a violência encontra realçamento, tornando-se um negócio produtivo, sendo explorada até a exaustão, muitas vezes de maneira questionável. Em seu texto intitulado *A violência como desafio para a literatura brasileira contemporânea*, o crítico reforça que, mesmo diante desse cenário, não pretende adentrar o campo de discussão e denúncia que envolvem as manifestações problemáticas da violência, seu objetivo é:

[...] simplesmente constatar que a violência representada tanto na mídia quanto na produção cultural deve ser considerada um agente importante nas dinâmicas sociais e culturais brasileiras. Precisamos reconhecer os objetos estéticos da violência na sua relação com o processo geral de simbolização da realidade social, já que participam de maneira vital e constitutiva desta mesma realidade (Schøllhammer, 2013, p. 42).

Por conseguinte, na narrativa de Rubem Fonseca, o conflito começa a tomar forma quando Zequinha, outro amigo do nosso protagonista, que faz o tipo de criminoso mais refinado, tem a ideia de assaltar a casa de algum rico com o material de um tal de Lambreta, que é alguém por quem todos eles parecem ter grande respeito: “Quais são os ferros que você tem?, perguntou Zequinha”. (Fonseca, 2012, p. 9). O respeito por Lambreta é tão grande que, mesmo que eles pensem que ele dá o “bozó” (ou seja, que é homossexual/gay), eles não se importam, mesmo que concordem que isso não é coisa que um homem deve fazer: “É, mas dizem que ele dá o

² A Ditadura Militar é o como chamamos o período em que os governos militares estiveram à frente do Brasil, entre 1964 e 1985. O período da Ditadura Militar foi um dos mais tensos da história brasileira e ficou marcado pela falta de liberdade, pelo uso de tortura contra os opositores políticos e pela prática de terrorismo de Estado.

bozó, disse Zequinha.” (Fonseca, 2012, p.08). Essa quase dualidade introduz algo importante no conto: a noção de que, quem tem o real poder (na vida ou em alguma situação), faz o que bem entender ou que desejar. E é isso que é sustentado por todo o restante do enredo, a partir da violência apresentada.

As passagens exemplificadas anteriormente resumem bem como a violência se dá no entorno de certas tragédias sociais, sendo comuns as cenas em que se verificam sentimentos de “temor e pena”. À vista disso, o encadeamento mais adequado proposto a esse gênero, se desdobrando “da felicidade a infortúnio que resulte, não da maldade, mas dum grave erro de herói [...]” (Aristóteles, 2014, p. 32).

A história narrada em “*Feliz Ano-novo*”, apesar de retratar um período de mais de 40 anos atrás, permanece atual: a onda de violência, não apenas em cidades como o Rio de Janeiro, mas no Brasil, de forma geral, não terminou em 1970, continua nos dias atuais mostrando sua face mais cruel e perversa. A cena em que os personagens confraternizam entre si, enquanto trocam votos de um Feliz Ano-novo, é uma boa demonstração da frialdade causada pela exclusão social no Brasil. Portanto, de modo mais específico e enfático, Tânia Pellegrini (2012) afirma que as narrativas contemporâneas não são inéditas quando se trata do assunto violência:

No caso brasileiro, como se sabe, esse processo foi e tem sido o mesmo: a violência vem sendo a viga mestra da organização e funcionamento da nossa própria ordem social, simbolicamente representada na história e na tradição da literatura nacional (Pellegrini, 2012, p. 41).

Considerando-se como paradigma a relação entre a literatura e o contexto de produção, depreende-se que Rubem Fonseca incorpora à narrativa, de maneira estetizada, elementos extraestéticos do mundo circundante, como a gratuidade da violência, e posiciona-se criticamente na escolha do tema e da forma de realizá-lo.

3. FELIZ ANO NOVO OU HEDONISMO DESCARADO?

Na contemporaneidade, a violência muitas vezes está interligada a questões sociais, políticas, econômicas e culturais, refletindo desigualdades, injustiças e tensões presentes na sociedade. Fatores como a exclusão social, a falta de oportunidades, a polarização política, a intolerância e o acesso facilitado a armas podem contribuir para o aumento da violência em diferentes contextos.

Em “*Feliz Ano Novo*”, Pereba e o personagem narrador conversam em um apartamento na noite de Ano Novo. Um outro personagem, de nome Zequinha, chega ao local e diz que estava aguardando umas armas que viriam de São Paulo. Os três criminosos vão ao apartamento de uma velhinha, Dona Cândida, buscar as armas. As armas eram do Lambreta e seriam usadas no dia 2 para assaltar um banco na Penha, subúrbio do Rio de Janeiro. Ao retornarem ao apartamento com as armas, ficam observando e decidem usar naquela mesma noite para assaltar uma festa

de bacanas. Na ocasião, roubam um carro e partem para São Conrado à procura da casa ideal. Encontram uma festa com pouca gente, colocam as meias na cabeça e entram. Mandam todos deitarem no chão, rendem os empregados e Pereba sobe com uma mulher para encontrar uma senhora doente que estava na parte de cima da casa. Pereba violenta a mulher e mata as duas. O narrador personagem arranca o dedo da senhora para roubar o anel que não saía. Ao descender novamente, comem a ceia e um dos homens diz que podem levar tudo, que não vão dar queixa à polícia. Isso revolta ainda mais o personagem-narrador, pois percebe que o que roubaram não era nada perto do que os ricos tinham. Com raiva, manda o homem se levantar e atira, tentando grudá-lo na parede com a força da potente arma. Matam mais um homem, violentam outra mulher. Voltam para casa, estendem uma toalha no chão com as comidas que roubaram e brindam com um “Feliz Ano-novo”.

Essa violência caracterizada na narrativa de Fonseca nos sugere diversos pontos de referência para entendermos tal fenômeno como uma espécie de expressão da crueldade que sempre imperou na urbe tumultuada. Diante do exposto, entende-se que a violência em forma de confronto físico nada mais é do que a expressão de uma identidade cruel e hedionda.

Para o filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche³, a violência é algo que pertence ao homem, fazendo parte de sua moralidade. Contudo, Nietzsche não fazia defesa da violência, mas sim da necessidade de combatê-la. Cabe pontuar que, dentro de sua filosofia, Nietzsche distingue os indivíduos entre fracos e fortes, mais ou menos capazes de exercer sobre o outro sua potência, o seu poder, efetivamente. “Até agora foram os espíritos mais fortes e maus que fizeram a humanidade avançar mais longe: eles sempre inflamaram as paixões que adormeciam - toda sociedade em ordem faz adormecerem as paixões” (Nietzsche, 2012, p. 55). Esse modo de entendimento da realidade faz com que a ação seja valorizada e inclusive privilegiada, abdicando da condenação moral que tornaria indesejável a prática de violência contra o outro.

Ainda segundo Nietzsche:

O conceito de bem e mal tem uma dupla pré-história: primeiro, na alma das tribos e castas dominantes. Quem tem o poder de retribuir o bem com o bem, o mal com o mal, e realmente o faz, ou seja, quem é grato e vingativo, é chamado de bom; quem não tem poder e não pode retribuir é tido por mau. Sendo bom, o homem pertence aos “bons”, a uma comunidade que tem sentimento comunal, pois os indivíduos se acham entrelaçados mediante o sentido da retribuição. Sendo mau, o homem pertence aos “maus”, a um bando de homens submissos e impotentes que não têm sentimento comunitário. Os bons são uma casta; os maus, uma massa como o pó. (Nietzsche, 2005, p. 48).

³ Considerado um dos mais notáveis filósofos da contemporaneidade, Friedrich Wilhelm Nietzsche, nasceu em 15 de outubro de 1844 em Röcken na Prússia (atual Alemanha). Norteador pelos pensadores Rousseau, Spinoza e Schopenhauer e fundamentado em correntes filosóficas antigas, Nietzsche foi professor na universidade de Basileia, aposentando-se cedo e passando o resto de sua vida dedicando-se às experiências filosóficas.

Para Michel Foucault (2010) “a violência não é um conceito que possa explicar o funcionamento da vida, mas é o resultado visível da ação de destruição do outro”. Nesse sentido, segundo o filósofo francês, há um paradoxo na história do Estado moderno. Ele examinou como as instituições e práticas sociais moldam e regulam corpos, comportamentos e subjetividades, influenciando indiretamente a manifestação da violência na sociedade.

Assim, vê-se que, no início do conto, os personagens estão famintos no apartamento de um sujeito-narrador sem nome, pensando na noite de Ano-novo: “As madames granfinas tão todas de roupa nova, vão entrar o ano novo...” (Fonseca, 2012, p. 8); logo em seguida, eles já estão assaltando uma mansão: “Passamos várias casas que não davam pé, ou tavam muito perto da rua ou tinham gente demais. Achamos o lugar perfeito.” (Fonseca, 2012, p. 10); e por fim, eles estão comemorando a passagem do ano: “Quando o Pereba chegou, eu enchi os copos e disse, que o próximo ano seja melhor. Feliz ano novo.” (Fonseca, 2012, p. 12). Esse narrador sem identidade criado por Fonseca, apresenta um aspecto frequente em sua vasta produção literária, pois é uma espécie de herói degradado, por causa das atitudes que pratica, durante o desenrolar de cada ação. Em todo o percurso narrativo do conto, há uma crítica à desigualdade na distribuição de renda do país. Desigualdade essa que faz com que os que não têm dinheiro vivam à margem, sendo excluídos pela sociedade capitalista:

Pereba, você não tem dentes, é vesgo, preto e pobre, você acha que as madames vão dar pra você? Ô Pereba, o máximo que você pode fazer é tocar uma punheta. Fecha os olhos e manda brasa. Eu queria ser rico, sair da merda em que estava metido! Tanta gente rica e eu fudido. Zequinha entrou na sala, viu Pereba tocando punheta e disse, que é isso Pereba? Michou, michou, assim não é possível, disse Pereba. Por que você não foi para o banheiro descascar sua bronha? disse Zequinha. (Fonseca, 2012, p. 8).

É nesse sentido, que as narrativas em primeira pessoa possibilitam ao autor dar a cada narrador uma voz específica, que se adapta a classe social e a geração de cada personagem. O contexto da cidade também mostra, além da violência, a solidão dos personagens, que estão presos a objetivos fúteis de vida. As histórias abordam a melancolia e a desilusão como características comuns a esses personagens: “O fumo acabou. A cachaça também. Começou a chover.” (Fonseca, 2012, p. 10).

Segundo Tania Pellegrini (2004), é inegável que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira, como um elemento fundante a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, aliás, como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial. Pois, por trás das histórias grotescas, utilizando muitas vezes palavras de teor ofensivo, o autor faz uma crítica à sociedade que se forma valorizando o consumismo, individualismo e a maldade. Algumas cenas chocantes são contrapostas a uma situação de normalidade, mostrando a hipocrisia e o cinismo presentes na vida cotidiana da cidade urbanizada.

Logo, Nietzsche parece estar com a razão quando afirma que todas as “coisas boas” que dispomos em sociedade nascem do horror e estão banhadas em sangue (Nietzsche, 2005, p. 60). Conforme observa Nietzsche, este prazer pela crueldade talvez não tenha desaparecido, apenas tenha se tornado mais sutil, mais imperceptível, um contraponto apenas em uma ética de escravos ou dominados pelo poder, que oferecem seus próprios corpos e vidas como “escudos”, ainda vulneráveis, à violência.

Karl Erik Scholhammer (2000) também compartilha a ideia de que a violência é uma marca fundadora da cultura brasileira e afirma que o tema da violência é recorrente na literatura moderna do Brasil, o que não permite compreender a presença intensa dessa temática como uma “extravagância de gosto duvidoso ou aberração” (2000, p. 236).

É assim que Fonseca nos apresenta personagens que representam os dois extremos da nação: os que vivem à margem e os que constituem a elite privilegiada do sistema. Essa contraposição, mostrada de forma clara no conto, ilustra o grande problema da desigualdade no Brasil, um problema real. Porque a situação de miséria em que os “criminosos” se encontram é posta a todo instante em contrapartida à vida das pessoas ricas:

As madames granfas tão todas de roupa nova, vão entrar o Ano-novo dançando com os braços pro alto, já viu como as branqueias dançam? Levantam os braços pro alto, acho que é pra mostrar o sovaco, elas querem mesmo é mostrar a boceta, mas não têm culhão e mostram o sovaco. Todas corneiam os maridos. Você sabia que a vida delas é dar a xoxota por aí? Pena que não tão dando pra gente, disse Pereba. Ele falava devagar, gozador, cansado, doente. (Fonseca, 2012, p. 8).

A impressão passada ao longo de toda a história narrada é a de que os personagens estão nesta situação porque são vítimas da sociedade capitalista opressora. Um quarto personagem, que é apenas citado no conto, é o Lambreta, que está em São Paulo e parece ser uma espécie de líder: “Dia 2, vamos estourar um banco na Penha. O Lambreta quer fazer o primeiro gol do ano.” (Fonseca, 2012, p. 9). As armas do Lambreta estão em um andar inferior de um edifício, aos cuidados de dona Candinha, uma preta velha, que guardava as armas em sua residência com segurança, já que a polícia não desconfiaria de dona Candinha e não entraria em sua casa:

A velha trouxe o pacote, caminhando com esforço. O peso era demais para ela. Cuidado, meus filhos, ela disse. Subimos pelas escadas e voltamos para o meu apartamento. Abri o pacote. Armei primeiro a lata de goiabada e dei pro Zequinha segurar. Me amarro nessa máquina, tarratátátá! disse Zequinha. É antigo, mas não falha, eu disse. Zequinha pegou a Magnum. Joia, joia, ele disse. Depois segurou a doze, colocou a culatra no ombro e disse: ainda dou um tiro com esta belezinha nos peitos de um tira, bem de perto, sabe como é, pra jogar o puto de costas na parede e deixar ele pregado lá. Botamos tudo em cima da mesa e ficamos olhando. Fumamos mais um pouco. (Fonseca, 2012, p. 9).

A insatisfação dos marginais em relação à realidade que vivem leva-os a roubar os ricos, pois eles querem mudar aquela situação, porque, enquanto as pessoas ricas estarão dando grandes festas, eles, os marginalizados da sociedade, passarão a noite sem mulheres, em um apartamento fétido, sem bebida e sem comida. Quando chegam à mansão, a disparidade social que é apresentada já nas primeiras linhas do conto é ainda mais reforçada, gerando revolta nos marginais, que farão com que a violência seja desencadeada de maneira bastante truculenta e cruel: “(...). Os putos estavam cheios de cartões de crédito e talões de cheques”. (Fonseca, 2012, p. 10). Nesse sentido, os três delinquentes nos são apresentados como predadores do espaço que invadem. Apesar de sonharem com a riqueza, não demonstram nenhum interesse pelo que está a sua volta – apenas pisam, sujam, contaminam com a sua presença. Como se trouxessem, consigo, a imundície do lugar em que vivem. E isso não está apenas no barro de seus sapatos, mas no modo como se expressam e se comportam: “(...). Tirei as calças e caguei em cima da colcha. Foi um alívio, muito legal” (Fonseca, 2012, p. 10), diz o narrador sem escrúpulos.

Assim, a violência, não é evidenciada de forma homogênea, ela é trabalhada de todos os ângulos possíveis, sobre diversas óticas; surgindo em suas várias formas, tanto física como psicológica. Essa violência é apresentada através da temática do desespero, mas também por meio da linguagem, da escrita da descrição das cenas, dos diálogos, das intervenções realizadas pelo narrador.

Em “*Feliz Ano Novo*” existem várias cenas que representam diferentes tipos de violência, ao longo do enredo, como pode-se evidenciar no trecho seguinte: “Subi. A gordinha estava na cama, as roupas rasgadas, a língua de fora. Mortinha. Pra que ficou de flozô e não deu logo?” (Fonseca, 2012, p.10). Essa a relação entre mocinhos e bandidos apresenta certa transitividade, reforçada pelo fato de o enredo ser narrado pelo ponto de vista de um dos marginais e não haver uma apresentação prévia dos personagens, que são conhecidos, pelo leitor, ao longo do desenvolvimento de cada ação assustadora.

Dessa maneira, somos levados inicialmente, a ter pena dos marginais e a vê-los como vítimas, mas depois percebe-se que existe um sadismo naquilo que eles fazem. E isso acontece porque a visão do marginal é brutalmente exposta ao leitor. No entanto, não é um equívoco dizer que os marginais também são vítimas, vítimas da violência da desigualdade social que aceitam viver. São vítimas que oprimem, que usam da violência para conseguir o que não têm porque lhes foi negado pelo sistema, ou seja, os meios dos quais eles se valem para conseguir o que querem são amorais:

Coloquei a lata de goiabada numa saca de feira, junto com a munição. Dei uma Magnum pro Pereba, outra pro Zequinha. Prendi a carabina no cinto, o cano para baixo, e vesti uma capa. Apanhei três meias de mulher e uma tesoura. Vamos, eu disse. Puxamos um Opala. Seguimos para os lados de São Conrado. Passamos várias casas que não davam pé, ou tavam muito perto da rua ou tinham gente demais. Até que achamos o lugar perfeito. Tinha na frente um jardim grande e a casa ficava lá no fundo, isolada. A gente

ouvía barulho de música de carnaval, mas poucas vozes cantando. Botamos as meias na cara. Cortei com a tesoura os buracos dos olhos. Entramos pela porta principal. Eles estavam bebendo e dançando num salão quando viram a gente. É um assalto, gritei bem alto, para abafar o som da vitrola. Se vocês ficarem quietos ninguém se machuca. Você aí, apaga essa porra dessa vitrola! Pereba e Zequinha foram procurar os empregados e vieram com três garçons e duas cozinheiras. Deita todo mundo, eu disse. Conteí. Eram vinte e cinco pessoas. Todos deitados em silêncio, quietos, como se não estivessem sendo vistos nem vendo nada. (Fonseca, 2012, p. 10)

Nessa festa do crime, chama a atenção o quanto o narrador compartilha dos preconceitos de classe média que circulam dentro e fora da narrativa. Pois lá no início, ele se mostra superior aos seus comparsas pelo fato de saber ler e escrever: “Pereba sempre foi supersticioso. Eu não. Tenho ginásio, sei ler, escrever e fazer raiz quadrada”. (Fonseca, 2012, p. 8). Mais adiante, já durante o assalto, se enfurece quando um dos convidados pede calma e diz para levarem tudo o que quiserem: “Filha da puta. As bebidas, as comidas, as joias, o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco. Para eles nós não passávamos de três moscas no açucareiro”. (Fonseca, 2012, p.11). Essa constatação do desprezo e indiferença o atinge profundamente, desencadeando mais violência e assassinatos, iniciados por ele próprio, que permanecia contido até ali. O que mostra sua preocupação com o que pensam a seu respeito.

Ou seja, nesse conto, há ainda a violência em relação ao leitor, que é “bombardeado” pelos acontecimentos ao longo do desenrolar da história. Sobre essa última, Candido (1987) declara que Rubem Fonseca “agríde o leitor pela violência, não apenas dos temas, mas dos recursos técnicos – fundindo ser (pessoa) e atos (roubos e crimes) na eficácia de uma fala magistral em primeira pessoa, propondo situações alternativas na sequência da narração, avançando as fronteiras da literatura no rumo de uma espécie de notícia crua da vida (Candido, 1987, p. 211). É possível perceber uma hostilidade do autor contra o leitor. Tal hostilidade pode ser sentida através da violência discursiva, estilo seco, frases curtas, o entrelaçamento dos discursos, o vocabulário permeado por palavras de baixo calão e vocábulos obscenos:

É você mesmo. Tu não sabes mais o teu nome, ô burro? Pereba pegou a mulher e subiu as escadas. Inocência, amarra os barbados. Zequinha amarrou os caras usando cintos, fios de cortinas, fios de telefones, tudo que encontrou. Revistamos os sujeitos. Muito pouca grana. Os putos estavam cheios de cartões de crédito e talões de cheques. Os relógios eram bons, de ouro e platina. Arrancamos as joias das mulheres. Um bocado de ouro e brilhante. Botamos tudo na saca. (Fonseca, 2012, p. 10).

É assim, que Rubem Fonseca nos mostra um modo de ver o contato entre o marginalizado e as elites, absolutamente vinculado ao olhar da classe média, apesar do narrador miserável -, que ressaltada a inveja e a violência dos que nada têm, relacionando-os incessantemente aos excrementos que produzem e dos quais fariam parte.

Segundo Figueiredo (2003), a escrita de Fonseca mostra o homem prisioneiro de valores esvaziados, condenados, e em uma busca inútil. Daí a recorrência na obra do autor daqueles seres suspensos no nada, mergulhados num estado de orfandade e que, por isso vagam sem lei, sem identidade fixa, desafiando a lógica e a psicologia. A situação das personagens é patética; pelo contrário, a comicidade é acentuada pela patetice. E essa situação é fundamental para atenuar o que vem narrado mais adiante:

Vamos embora, eu disse. Enchemos toalhas e fronhas com comidas e objetos. Muito obrigado pela cooperação de todos, eu disse. Ninguém respondeu. Saímos. Entramos no Opala e voltamos para casa. Disse para o Pereba, larga o rodante numa rua deserta de Botafogo, pega um táxi e volta. Eu e Zequinha saltamos. Este edifício está mesmo fudido, disse Zequinha, enquanto subíamos, com o material, pelas escadas imundas e arrebetadas. Fudido, mas é zona sul, perto da praia. Tás querendo que eu vá morar em Nilópolis? Chegamos lá em cima cansados. Botei as ferramentas no pacote, as joias e o dinheiro na saca e levei para o apartamento da preta velha. Dona Candinha, eu disse, mostrando a saca, é coisa quente. Pode deixar, meus filhos. Os homens aqui não vêm. Subimos. Coloquei as garrafas e as comidas em cima de uma toalha no chão. Zequinha quis beber e eu não deixei. Vamos esperar o Pereba. Quando o Pereba chegou, eu enchi os copos e disse, que o próximo ano seja melhor. Feliz Ano Novo. (Fonseca, 2012, p. 12).

Finalizando assim seu conto, Rubem Fonseca cria um paradoxo, pois mostra que os marginais que acabaram de assassinar quatro pessoas em uma casa rica onde se comemorava uma festa de Ano-novo ou réveillon, estão agora fazendo a sua comemoração, ao exclamarem seus desejos de dias melhores, evidenciando que eles não têm peso na consciência por suas crueldades, quando invadiram, estupraram e assassinaram a sangue frio, porque essa é a vida deles. A utilização do ridículo e do cômico para suas caracterizações ocorre para atenuar a violência praticada e a banalidade com que encaram seus atos em meio a uma espécie de hedonismo descarado.

4. CONCLUSÃO

Conclui-se que na literatura de Rubem Fonseca, mais do que deslindar o ato criminoso, interessa registrar o cotidiano terrível das grandes cidades e, simultaneamente, por nu os dramas humanos desencadeados pelas ações que rompem a lei e a ordem. Um dos temas relevantes de seus romances é a violência que impera nas ruas brasileiras, em uma espécie de guerra-civil não declarada. A maioria dos personagens de seus relatos vivem oprimidos, quando não aturdidos, pela sensação de isolamento e vácuo na alma. Todas as paixões e todos os vínculos são esgarçados, e a obsessão desses personagens é o exercício do sexo, como se ele fosse a única alternativa ao vazio da existência e como se na satisfação física do desejo residisse a última prova de que ainda estão vivos.

Ler esse tipo de narrativa contemporânea com um nome que com certeza chama atenção por sua ironia, e em uma época onde quem não passa por determinadas situações descritas, ou sequer se lembra que ocorrem, faz com que se torne um tipo de lembrete. Um lembrete de que ninguém está imune a este tipo de situação e talvez uma forma de não julgar todo tipo de ação, nunca sabemos de fato o que leva alguém a cometer certas atitudes - não que justifique os fins, mas os meios sempre são diferentes uns dos outros.

Por fim, *Feliz Ano Novo* nos revela os primórdios de uma violência que se pulveriza em nossa sociedade, devido ao aumento das contradições sociais, sobretudo nos grandes centros urbanos do Brasil, a partir da década de 70. Além de apresentar essa nova visão da realidade social, Fonseca nos convida a pensar criticamente sobre a situação dos oprimidos, a animalização dos indivíduos em uma sociedade altamente consumista, onde o que interessa é o ter, bem como refletir sobre os atos de violência que são muitas vezes erroneamente vistos como parte natural do sistema e da natureza humana, configurando-se, cada vez mais, como um evento banal.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Arte poética. In: ARISTÓTELES, HORÁCIO & LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 2014.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CANDIDO, Antônio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

FONSECA, Rubem. *Feliz Ano Novo*. [Ed. especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. *Os crimes do texto: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida P. Galvão. São Paulo: Martins, Fontes, 2010.

PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 24, jul./dez., p. 15-34, 2004.

PELLEGRINI, Tânia. De bois e outros bichos: nuances do novo Realismo brasileiro. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 39, p. 37-55, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127333003>. Acesso em: 14 jun. 2024.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira*. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder [et al.]. (org.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.